

Das Amazôniaas

REVISTA DISCENTE DE HISTÓRIA DA UFAC

ISSN Eletrônico: 2674-5968

Arte: Mabkū Bane | “Yube Inu Yube Sbanu – mito de surgimento da ayahuasca”, 2021.



VILA VINTÉM (RR): UMA COMUNIDADE AMAZÔNICA DE OLEIROS

Francielen Leandro Apolinário¹

Luís Francisco Munaro²

RESUMO

A Vila Vintém, situada no município de Cantá (RR), é uma comunidade de oleiros marcada por ciclos migratórios e disputas territoriais. Inicialmente ocupada por migrantes nordestinos atraídos pelo garimpo nas décadas de 1970 e 1980, a vila consolidou-se em torno da extração de argila e da produção artesanal de tijolos de dois furos. Mais recentemente, o fluxo migratório venezuelano modificou a estrutura social e econômica local, intensificando tensões relacionadas à posse da terra e à adaptação cultural. Este estudo baseou-se em entrevistas com moradores, pesquisa histórica e registros fotográficos, buscando compreender como esse espaço, aparentemente transitório, se configura como um lugar identitário e territorializado. Os resultados indicam que a Vila Vintém se mantém viva por meio das relações afetivas de seus habitantes, mesmo diante dos desafios impostos pelas cheias sazonais do Rio Branco, pela industrialização da cerâmica e pelo iminente processo de desocupação. Conclui-se que a vila representa um microcosmo da realidade amazônica, onde tradição e globalização se entrelaçam, redefinindo continuamente a noção de pertencimento e resistência comunitária.

PALAVRAS-CHAVE: Vila Vintém. Amazônia. Fotografia. Olaria. Comunidade ribeirinha.

VILA VINTÉM (RR): AN AMAZONIAN COMMUNITY OF POTTERS

ABSTRACT

Vila Vintém, located in the municipality of Cantá (RR), is a community of potters marked by migratory cycles and territorial disputes. Initially occupied by migrants from the Northeast attracted by mining in the 1970s and 1980s, the village consolidated itself around the extraction of clay and the artisanal production of two-hole bricks. More recently, the flow of Venezuelan migrants has changed the local social and economic structure, intensifying tensions related to land ownership and cultural adaptation. This study, of an ethnographic and documentary nature, was based on interviews with residents, historical research and photographic records, seeking to understand how this apparently transitory space is configured as a place of identity and territorialization. The results indicate that Vila Vintém remains alive through the affective relationships of its inhabitants, even in the face of the challenges imposed by the seasonal floods of the Rio Branco, the

¹Graduada em Artes Visuais e Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Roraima (UFRR). Doutoranda em pedagogia do Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (Educanorte). E-mail: francielenleandro92@gmail.com

² Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR). E-mail: luismunaro@yahoo.com.br

industrialization of ceramics and the imminent process of eviction. It is concluded that the village represents a microcosm of the Amazonian reality, where tradition and globalization intertwine, continually redefining the notion of belonging and community resistance.

KEYWORDS: Vila Vintém. Amazon. Photography. Pottery. Riverside community.

INTRODUÇÃO

No município de Cantá, em Roraima, uma vila de oleiros dormita quase que imperceptível na margem esquerda do Rio Branco. Está localizada logo após a travessia da Ponte dos Macuxis, inaugurada em 1975 pelo governo de Ernesto Geisel. Em determinados períodos do ano, a área fica completamente submersa pela água e a vida escoia por canoas ou embarcações improvisadas. Com o fim das chuvas, a dinâmica local retorna gradualmente, e os oleiros retomam suas atividades em olarias improvisadas, dedicando-se à produção de tijolos de dois furos. Do trânsito sazonal pelo lugar surgiu uma pergunta: quem vive nessa vila e por que ali vive?

A partir disso, iniciamos uma tentativa de entender como aquilo que é, aparentemente um “não lugar”, uma paisagem “dessubjetivada” que se incorpora monocromaticamente na vida da cidade, se enche de um sentimento pela terra, quer dizer, torna-se um “lugar” onde estão incorporadas tradições econômicas e culturais bastante particulares. O diálogo preliminar com os moradores da vila revelou que a aparente tranquilidade da vida comunitária escondia tensões constantes em torno das disputas por terras, tornando a vila, portanto, um ambiente altamente territorializado. Agentes públicos tentando desalojar habitações em áreas de risco ou preservação, grileiros e posseiros interessados em obter títulos de terra, os habitantes mais antigos da região desejando manter suas moradias e os recém-chegados venezuelanos lutando pela sobrevivência. Assim, a vida desses vários indivíduos num mesmo lugar acabou se revelando um processo dinâmico pelo qual os grupos sociais e culturais imprimiram suas práticas, interesses e relações de poder, tornando-o “funcional e significativo” para parafrasear o geógrafo Milton Santos (2006).

A vila experimentou dois ciclos migratórios de maior importância: a vinda de migrantes nordestinos para as áreas de garimpo nas décadas de 1970 e 1980 e o afluxo de venezuelanos a partir de 2015. Para os primeiros poucos nordestinos que permanecem no local, tornou-se um lugar de morada, prenhe de histórias que, nalguma medida, buscamos recuperar. Isso foi feito através de entrevistas com três informantes que permitiram estabelecer um nexo entre a vila de oleiros e a busca pelo ouro. Eles informaram que, fracassadas as tentativas nas zonas de mineração, a argila pareceu se tornar um recurso mais acessível, muito embora bem menos lucrativo. Com imbrólios jurídicos

recentes no tocante ao uso da terra, os antigos moradores iniciaram um processo de desocupação, ao mesmo tempo em que migrantes venezuelanos afluíram para o local, especialmente para as residências desocupadas ou parcialmente demolidas. A região é alvo de uma ação que corre no Supremo Tribunal Federal e pede a desocupação da área de preservação ambiental. A ordem de despejo foi sustada em 2023 até que houvesse julgamento final da ação. Além disso, processo em tramitação na 2ª Vara da Fazenda Pública de Boa Vista requer a regularização e recuperação da área degradada, alegando que as famílias lá estabelecidas não possuem títulos de propriedade³.

A vila comprime características tipicamente amazônicas, habitações palafíticas e dependência da vazante do rio, ao mesmo tempo em que passou a adquirir características “globalizadas”, recebendo migrantes da Venezuela fugidos da forte deterioração econômica e institucional no país vizinho. Esse trânsito de indivíduos é bem recepcionado pelas reflexões de Yi Fu Tuan (2013) e Marc Augé (1994) sobre a realidade do lugar, na medida em que permitem refletir que os espaços habitados por seres humanos não são realidades descarnadas, mas vividos de forma intersubjetiva. E que, mesmo estando colocados ao lado de uma cidade de porte médio, integrada em circuitos amplos de comércio, podem refletir a existência de um tempo particular que escorre mais lenta e inexatamente do que aquele da cidade. Marc Augé fornece o importante conceito de “não-lugar”, a noção de um espaço urbano permanentemente dessubjetivado, encarado como um conjunto de formas experimentadas como “vazias” (1994). Trata-se de um espaço de trânsito e anonimato que não gera nenhum tipo de percepção subjetiva, como aquele entreolhado pelos cada vez mais numerosos viajantes que passam pelas beiradas da vila através da BR-401. O “lugar”, por outro lado, se define em função da experiência humana, da percepção e do afeto. Nesse sentido, a mesma vila pode também ser entendida como um espaço dotado de vivências, carregado de expectativas subjetivas e, portanto, mais do que um ponto de passagem desde que consideradas as vivências dos seus moradores (Tuan, 2013)

Este estudo, que transita entre as histórias de vida e os registros fotográficos, foi dividido em duas seções que buscam facilitar a compreensão do leitor: uma primeira seção descreve a vila por meio dos documentos oficiais e fotografias, a partir das quais fica nítida a conexão entre os homens, o rio e a argila. A segunda seção busca adentrar no ambiente da vila, conversar com seus moradores e fotografar as residências, deixando mais nítidas algumas das histórias de vida que encontramos durante

³<http://roraimaemfoco.com/moradores-e-trabalhadores-da-olaria-recorrem-a-defensoria-publica-apos-receberem-multas-ambientais/>. Acesso em janeiro de 2025.

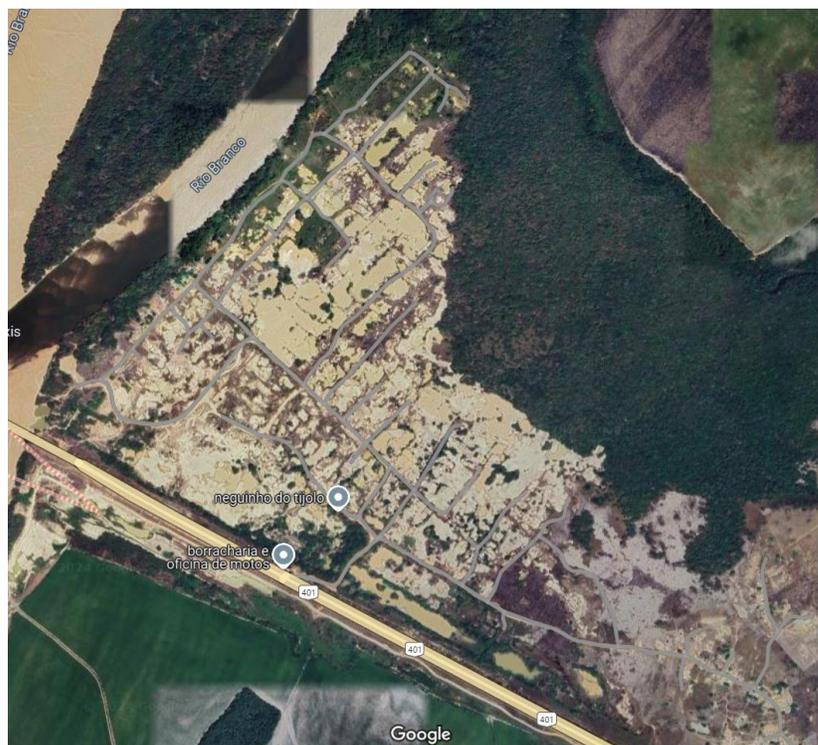
pesquisa no local. Busca-se assim trazer à tona a história de homens e mulheres amazônicos comuns e suas práticas cotidianas.

A VILA E A OLARIA

Na obra “À Margem da História”, Euclides da Cunha descreveu sua viagem pelos rios amazônicos em uma expedição que se interiorizou até os rios acreanos. Diante do lento movimento dos rios e do verde sem fim, o autor, com seus olhos de positivista, compreendeu aquela região como marcada por contrastes, onde a magnitude da floresta convivia com a fragilidade das condições humanas, particularmente dos seringueiros e indígenas que viviam sob a exploração econômica. Quer dizer, seria uma região à “margem da história” (Cunha, 2019). Talvez se possa compreender a “margem da história” como um conjunto de lugares em esquecimento, ou simplesmente ignorados pela historiografia encarregada de narrar a vida do país. O processo de construção do imaginário sobre a Amazônia demonstra como a construção de um sentido cultural para a região foi um processo urdido por elites urbanas letradas e que, muitas vezes, sequer é percebida pelos próprios amazônicos. Cumpriria, nesse sentido, perguntar: saberiam os amazônicos que pertencem à Amazônia ou a Amazônia se transformou num fetiche de homens letrados? (Munaro, 2019, Munaro, 2017).

Este artigo é um convite para um mergulho um pouco mais profundo numa destas vilas esquecidas e marginais. No município de Cantá, em Roraima, há uma vila bastante singular, tão antiga quanto o próprio Cantá, a “Vila Vintém”. Hoje, é identificada como uma ocupação informal localizada nas proximidades de Cantá e Boa Vista. Sua origem remonta a um movimento coletivo de trabalhadores migrantes que se dirigiram à margem do rio Branco em busca de argila para a fabricação de tijolos de dois furos. Essa vila atravessou a experiência migratória de Roraima, mas permaneceu fundamentalmente como um lugar que resiste ao tempo apresentando formas bastante tradicionais de vida econômica, cultural e social. Neste sentido, trata-se de um lugar, no sentido afetivo da palavra, onde os indivíduos mantêm uma relação vivencial com os espaços e uns com os outros, e de um lugar “amazônico”, mantendo algumas características específicas da região, como a íntima interconexão com os rios (em seu processo de cheia e seca) e as relações de parentalidade (Wagley, 1957), muito embora estas tenham se tornado bastante escassas com as interferências do poder público na região e a migração intensa de venezuelanos. A imagem 01 mostra a torrencialidade das chuvas que alagam a região entre abril e agosto quando permanece submersa. As poucas áreas que continuam habitadas ficam localizadas nas entradas da vila ou em umas poucas habitações palafíticas.

Imagem 01: Vista aérea da Vila Vintém alagada, Cantá - RR



Fonte: Google Maps. Imagens de 2025-Airbus.

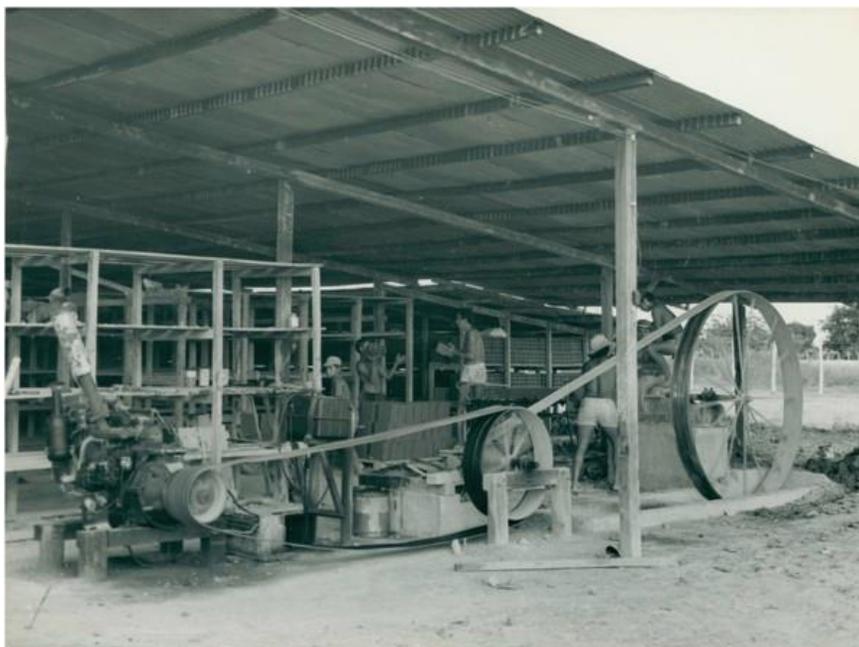
A Vila Vintém é um dos lugares do município de Cantá muito costumeiramente confundida com o município de Boa Vista. Quem percorre a rodovia BR-401 observa ao longo do trajeto que a localidade apresenta apenas algumas áreas urbanizadas, algumas loteadas e outras completamente impróprias para habitação, em grande parte devido ao transbordamento do Rio Branco. Porém, o extenso terreno de solo argiloso logo se transformou em um viveiro de olarias artesanais rapidamente ocupadas por migrantes vindos para Roraima no intenso fluxo da década de 1980. Isso porque, durante as décadas de 1970 e 1980, diversos programas de assentamento foram colocados em prática sob a responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) ou do Instituto de Terras do Estado de Roraima (ITERAIMA). Os projetos de ocupação rural estabelecidos até o final dos anos 1980, tidos como os mais extensos do Brasil, envolveram uma área de 221.832,20 hectares.

Segundo Staeve (2012), a construção das rodovias BR 174, conectando Manaus a Boa Vista em 1977, e a BR 210, conhecida como Perimetral Norte, em 1976, também foram fundamentais para o aumento do movimento migratório em direção a Roraima. Assim, para além dos projetos de colonização agrícola que já estavam em andamento desde o estabelecimento do Território, a construção dessas estradas representou o início de uma nova etapa de ocupação na região viabilizando a exploração de extensas áreas. Até a metade da década de 1980, pelo menos 14 projetos de colonização

agrícola já haviam sido implementados em Roraima, incentivando significativamente a convergência de migrantes para a região. Esses camponeses já haviam passado por uma etapa migratória anterior, oriundos de outras frentes de colonização na própria Amazônia, especialmente de Rondônia. Eram colonos que haviam enfrentado o impacto do aumento na demanda por terras ou experimentado o fracasso da agricultura em áreas previamente colonizadas.

No período de 1980 a 1991, a quantidade de habitantes em Roraima aumentou 2,7 vezes, passando de 79.159 para 217.583. Apesar dos atrativos de Roraima estarem situados na região rural, o crescimento da população na década de 1980 foi muito mais significativo nas áreas urbanas do que nas áreas rurais. Nos anos finais da década de 1980, Roraima possuía 8 municípios (Caracarái, Alto Alegre, Mucajaí, São João da Baliza, São Luiz, Normandia, Bonfim) e Boa Vista como capital. Com o aumento da atividade garimpeira, novos municípios no interior do estado surgiram como destinos para os recém-chegados que buscavam explorar ouro e diamante em garimpos locais. Ao examinarmos documentos como matérias jornalísticas e acervos fotográficos, encontramos registros históricos da cidade de Boa Vista que revelam fragmentos desse intenso período de transformação na região. Dentre essas imagens, destaca-se uma parte extremamente significativa que se alinha perfeitamente com esse estudo: a "Cerâmica Vieira", uma das primeiras olarias da cidade (Imagem 02).

Imagem 02: Cerâmica Vieira, Boa Vista, Roraima, 1978



Fonte: Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rr/boa-vista/historico>. Acesso em: 10 de out. 2024.

A fotografia em questão retrata o dia a dia da "Cerâmica Vieira", que representa um marco significativo na trajetória econômica e cultural da cidade de Boa Vista. O destaque vai para as engrenagens e correias que ativam as máquinas, uma tecnologia típica do período, e para os trabalhadores que compõem a cena, ressaltando o caráter artesanal e coletivo inerente a essas produções. As olarias desempenharam um papel crucial no crescimento das cidades amazônicas, mas são muito mais diretamente visualizadas numa área de lavrado como Boa Vista, que enfrentava dificuldades logísticas devido ao seu isolamento geográfico. Durante o período de operação da olaria, era comum que esses estabelecimentos fornecessem localmente produtos como tijolos, telhas e outros tipos de materiais cerâmicos, essenciais para a construção de residências, estabelecimentos comerciais e prédios públicos. Nos anos de 1970, Boa Vista experimentava uma expansão urbana facilitada pela conexão da área com outras partes do país. As olarias, por sua parte, forneciam recursos essenciais para sustentar esse desenvolvimento, especialmente em um momento em que o transporte de produtos de outras regiões do Brasil era difícil e custoso. A "Cerâmica Vieira" e a olaria da Vila Vintém, por exemplo, foram fundamentais para a construção civil local. Na Imagem 3, o cenário da Olaria pode ser parcialmente percebido, ainda que encoberto pela água, com as casas da Vila Vintém soçobrando no início do período das cheias.

Imagem 03: Olaria, Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Fotografia aérea. 2006. Jorge Macedo. 3543 x 2362. JPG.

A origem da olaria e, por consequência, da Vila Vintém, está profundamente ligada a um cenário repleto de disputas relacionadas à extração de argila. Esses conflitos, dos quais não há certezas sobre as suas origens, resultaram na divisão das atividades produtivas com trabalhadores se reorganizando e reestabelecendo em outros locais próximos às margens do Rio Branco. Esse movimento não apenas redefiniu a dinâmica da produção artesanal de tijolos, mas também impactou a estrutura social e territorial da região, criando áreas de exploração e mantendo a tradição cerâmica viva em diferentes pontos.

Os relatos que coletamos circulando entre os moradores indicam que o início da década de 1990 foi um período de intensa produção e que marcou o auge da olaria. Esse destaque se deveu, em grande parte, à qualidade da argila empregada na fabricação de seus tijolos. A argila extraída das margens do Rio Branco era conhecida por sua plasticidade e resistência, características que garantiam peças duráveis e bem-acabadas. Esse reconhecimento atraiu não apenas inúmeros compradores, incluindo comerciantes de áreas vizinhas e até de municípios próximos, mas também trabalhadores de diversas faixas etárias. Essa movimentação fortalecia a economia local, transformando a olaria em um centro de referência, tanto pela qualidade dos tijolos de dois furos quanto pela geração de empregos que impulsionava a comunidade ao seu redor.

A Ponte dos Macuxis tornou-se um ponto estratégico para o escoamento da produção cerâmica, conectando áreas de extração e fabricação a diferentes regiões e impulsionando o comércio local. Além disso, facilitou o acesso à olaria, cuja entrada principal se dá pela rodovia BR-401, que margeia o município de Cantá. Essa conexão rodoviária contribuiu para integrar a olaria da Vila Vintém ao fluxo econômico e logístico da região, consolidando sua importância produtiva. O acesso à vila ocorre por meio de entradas discretas ao longo das margens da rodovia, o que dificulta o acesso direto e acentua o aspecto de isolamento da área. Essas trilhas se transformam em caminhos sinuosos que serpenteiam pelo lugar, levando às zonas de extração de argila e aos vários lagos criados pela retirada de barro. Nesses lugares, realiza-se a confecção manual de tijolos de dois furos, que conta principalmente com o apoio dos formões de madeira. Os moldes são estruturas simples, frequentemente empregadas em processos artesanais de pequena escala. Eles definem as medidas, a forma e a disposição dos furos nos tijolos de argila antes da secagem e da queima, etapas que evidenciam o trabalho manual e a tradição mantida ao longo dos anos.

Imagem 04: Produção Artesanal de Tijolos, Olaria/ Vila Vintém, Cantá, Roraima



Fonte: Jorge Macedo – 2006, 3543 x 2362. JPG.

Com o tempo, a expansão da olaria à margem do Rio Branco passou a atrair pessoas com diferentes objetivos: muitos viam na atividade extrativista uma chance de melhorar suas condições de vida, enquanto outros, recém-chegados a Boa Vista, estavam em busca de emprego para sustentar suas famílias após migrarem de outros estados ou regiões. Esse fluxo de trabalhadores nordestinos e suas famílias foi criando um ambiente propício à formação de uma pequena comunidade. Aos poucos, a vila foi se estabelecendo, crescendo de maneira quase autônoma, sem grande interação com o município de Cantá ao qual está vinculada administrativamente.

Conforme conversa com oleiros que residem na área, os tijolos fabricados localmente eram mais simples e eram moldados manualmente conforme tradições locais. Com o tempo, esses tijolos artesanais começaram a perder espaço para a produção em larga escala dos tijolos de seis furos, que passaram a dominar o mercado e reduziram a demanda pela produção local. A introdução de tijolos industriais também trouxe desafios para os oleiros locais, que precisaram se adaptar a novas realidades produtivas. Essa mudança fez com que muitos optassem por buscar oportunidades de trabalho fora da vila, resultando na redução da força de trabalho na olaria.

Imagem 05: Manuseio de Forma de Madeira para Produção de Tijolos de Dois Furos. Olaria/ Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Jorge Macedo - 2006. 3543 x 2362. JPG.

Apesar de estar situada relativamente próxima à área central de Boa Vista, a Vila Vintém sempre manteve um caráter de isolamento, com seus habitantes enfrentando dificuldades todos os anos para garantir a permanência no lugar. A produção artesanal de tijolos, embora importante para a economia local, sempre esteve envolta em um ambiente de incertezas. A insegurança quanto ao futuro da comunidade, associada ao crescente abandono das técnicas tradicionais e à falta de infraestrutura, além da judicialização recente da terra, gerou uma constante preocupação entre os moradores. As condições de trabalho precárias e o distanciamento da administração municipal tornaram a vida na vila desafiadora, e as tensões entre a busca por melhorias e as dificuldades estruturais da localidade alimentaram os conflitos internos e externos. Em meio a esses desafios, os moradores mantiveram uma resistência silenciosa, lutando pela preservação do seu modo de vida, da identidade local e da sua produção artesanal. Mesmo com o avanço da industrialização e a busca por alternativas econômicas que garantam a subsistência dos oleiros, a fabricação de tijolos artesanais ainda se destaca como uma parte significativa da história da comunidade, muito embora esteja quase que inteiramente abandonada em virtude da obsolescência da técnica.

Como em toda a região em torno dos rios Branco, Negro ou Amazonas, as cheias sazonais tornam comuns as construções de palafitas, recursos dos ribeirinhos para sobreviver ao violento fluxo das águas. No caso da Vila Vintém, o recurso predominante dos habitantes têm sido o deslocamento para outras regiões. Como retratado no documentário do cineasta roraimense Thiago Briglia, “Vila

Vintém”, de 2003, boa parte das famílias depende de habitações coletivas improvisadas nos períodos de cheia, inclusive aquelas oferecidas pelo poder público. As residências mais estáveis do lugar, inicialmente construídas de madeira e próximas ao Rio Branco, gradualmente se afastaram das margens fluviais, passando a ocupar áreas mais altas e secas, retornando às áreas alagadiças apenas nos períodos de estiagem para a extração da matéria-prima necessária à produção de tijolos. Essa prática de extração e produção não apenas sustentava a economia da região, mas também atraía imigrantes guianenses em busca de oportunidades de trabalho. De acordo com alguns informantes da vila, para assegurar a tranquilidade dos oleiros, indivíduos que lideravam a exploração da olaria tomaram algumas medidas de apoio como o fornecimento de financiamentos e acordos informais.

O contato com os moradores e as visitas ao local revelaram uma riqueza de informações sobre a vida na vila que não pode ser facilmente encontrada em documentos oficiais ou registros jornalísticos. Durante o processo de coleta de dados, enfrentamos diversos obstáculos ao procurar informações sobre a história da vila, uma vez que a prefeitura de Cantá, além de não oferecer dados completos, desconhecia a extensão real da Vila Vintém como se ela não fizesse parte da estrutura administrativa e da vida do município. A ausência de reconhecimento institucional ou mesmo de simples referências à vila em documentos oficiais reflete a invisibilidade social dessa comunidade. O contraste entre a importância histórica da vila, com sua produção artesanal de tijolos de dois furos, e o desconhecimento das autoridades locais sobre sua existência revela uma complexa relação de marginalização dos moradores que, apesar das dificuldades, mantêm sua identidade e modo de vida. Essa realidade se torna ainda mais evidente quando se considera que a localidade, apesar de seu crescimento e estabilidade ao longo dos anos, não tem sua história registrada formalmente. A falta de reconhecimento institucional se reflete na ausência de políticas públicas direcionadas para a melhoria das condições de vida dos moradores, o que torna ainda mais relevante a documentação e a valorização dessas histórias por meio de abordagens como a fotografia, uma poderosa ferramenta para dar visibilidade a essas comunidades.

HISTÓRIAS E IMAGENS DA VILA VINTÉM

Nesta seção abordaremos a diversidade de histórias, desafios e vivências das pessoas que compõem a Vila Vintém. Os vários elementos recolhidos aqui permitirão compreender parte da complexidade de um lugar onde se entrelaçam trajetórias de migrantes nordestinos como o Sr. Gerardo, Dona Graça e Sr. Fininho, além de novos grupos que chegaram recentemente, como as famílias venezuelanas. Por meio de suas histórias, é possível explorar não apenas os aspectos individuais, mas também as dinâmicas coletivas que moldam a vida na vila. A precariedade de

infraestrutura, as adversidades impostas pelo ambiente natural, como as cheias do rio Branco, e a luta cotidiana pela sobrevivência são elementos que revelam as múltiplas camadas de realidade vividas pelos moradores. São aquilo que o geógrafo Milton Santos (2016) intitulou “territorialidade”, as disputas dos indivíduos pelos espaços e pela sua transformação em elementos cultiváveis ou domesticáveis.

Além disso, buscamos nessa seção compreender como o vínculo afetivo com o lugar e as redes de sociabilidade contribuem para a permanência dos habitantes, mesmo diante das dificuldades sobrepostas pelos conflitos entre culturas diferentes, com o poder público ou mesmo com a natureza. A partir de relatos pessoais dos oleiros e observações contextuais, a narrativa ilumina como esses moradores se adaptam, resistem e encontram formas de construir pertencimento em um espaço marcado por desafios e transformações constantes. Trata-se, portanto, de um convite para perceber a Vila Vintém como um lugar de vulnerabilidades, um espaço de memórias compartilhadas num canto esquecido da Amazônia.

Nas palavras de um de nossos 3 principais informantes, *assim como as abelhas que voam em busca de um novo ninho, eu perambulava em busca de um novo alento. Ansiava encontrar um lar para recomeçar*. Essas palavras foram ditas pelo retirante nordestino Gerardo Lima da Silva, que nasceu em Parnaíba, Piauí, e, assim como tantos outros nordestinos, decidiu buscar em Roraima a chance de reescrever sua história. Ele chegou ao estado em 1987, em um momento de intensas transformações sociais e econômicas. A migração em massa para Roraima foi impulsionada pela busca de melhores condições de vida e pelo encantamento criado pela chance de enriquecimento rápido através do garimpo, que atraía trabalhadores de diversas partes do Brasil. Esse movimento foi intensificado pela exploração aurífera nas terras indígenas e áreas remotas, atividade que marcou o estado durante os anos 1980 e 1990. A figura que caracterizava o garimpeiro em Roraima era a do nordestino que, quando chegava na “área”, se não era “dono de pista”, nem de maquinário, era chamado de “blefado”, na medida em que não tinha nem maquinário e nem passagem de volta.

Seu Gerardo encontrou seu primeiro trabalho nas entranhas do território de Roraima como garimpeiro e, assim como outros migrantes ele também era visto como um “blefado”, pois sua intenção era apenas adquirir ouro e experiência. O garimpo era (assim como ainda é) uma atividade de alto risco, marcada não só pela dureza do trabalho físico, mas também pela instabilidade financeira. Os garimpos ilegais eram frequentemente palco de conflitos, roubos e até violência extrema. Além disso, o fácil acesso ao álcool agravava o vício em bebida entre muitos trabalhadores, incluindo Seu Gerardo, que viu suas economias escorrerem pelas próprias mãos ao longo dos anos.

Durante uma longa conversa, Seu Gerardo, de forma bem-humorada, manifestou sua insatisfação em relação às escolhas que fez no passado: *Todo o meu dinheiro ficou no garimpo, pois eu gastava tudo com bebidas e mulheres*, frase que revela uma realidade frequente entre os trabalhadores do garimpo. A precariedade das condições de trabalho, somada ao isolamento e à falta de perspectivas a longo prazo, fazia com que muitos garimpeiros gastassem seus ganhos rapidamente, muitas vezes em busca de alívio imediato para o desgaste físico e emocional da atividade. O ambiente do garimpo era marcado por uma economia informal e, muitas vezes, predatória. Os locais de exploração atraíam comerciantes, bares e prostíbulos que lucravam com a instabilidade e a ilusão de riqueza dos trabalhadores. Esse contexto ajudava a criar um ciclo de consumo que impedia muitos garimpeiros de acumularem recursos e transformarem suas condições de vida, como aconteceu com Seu Gerardo. Suas declarações, simples e diretas, carregam a essência de uma experiência compartilhada por inúmeros migrantes que, como ele, buscaram no garimpo uma saída para a pobreza, mas acabaram enfrentando novas formas de exploração e vulnerabilidade.

Depois de uma década sem alcançar os resultados esperados, Seu Gerardo retornou para Boa Vista em 1997. Esse período coincidia com um momento histórico importante, a consolidação de Roraima como estado após a Constituição de 1988. A capital estava passando por um crescimento populacional significativo e uma urbanização acelerada, o que resultava em uma alta demanda por trabalhadores na área da construção civil. Desprovido de opções e sem parentes em Boa Vista, Seu Gerardo se juntou a uma equipe de fabricantes de tijolos em uma olaria na capital. Um ano mais tarde, ele se uniu a um novo grupo nas margens do Rio Branco, no município de Cantá. Essa olaria, que futuramente daria origem à denominada Vila Vintém, se tornou um ponto importante na trajetória do crescimento urbano de Boa Vista, oferecendo materiais indispensáveis para a edificação de moradias e edifícios na cidade.

A vida de Seu Gerardo, como a de muitos oleiros nordestinos que migraram para Roraima, foi marcada pela bravura. A ausência de moradia fixa na cidade levou esses trabalhadores a construírem suas próprias casas próximas à olaria, em um local que inicialmente carecia de infraestrutura e serviços básicos. A formação da Vila Vintém, portanto, está intimamente ligada à história de migrantes como Seu Gerardo, que ajudaram a erguer a cidade enquanto enfrentavam condições de trabalho duras e a luta diária pela sobrevivência. Após 22 anos de trabalho na olaria da Vila Vintém, Gerardo Lima da Silva ainda enfrenta inúmeras inseguranças que refletem as dificuldades históricas da região. A falta de saneamento básico, energia elétrica, água encanada e segurança são problemas que persistem e impactam diretamente a qualidade de vida dele e de outros moradores da vila. Para ele, a permanência

na Vila Vintém não se dá apenas por escolha, mas também por necessidade. Muitos moradores, como ele, permanecem por não terem alternativas, seja por falta de família ou de condições para adquirir uma moradia em Boa Vista.

Durante o período chuvoso, os desafios tornam-se ainda maiores. O transbordamento do Rio Branco provoca inundações em toda a área. As enchentes dificultam a produção de tijolos, interrompem a rotina de trabalho e tornam a vida cotidiana ainda mais desafiadora. Para os moradores, os alagamentos não são apenas um obstáculo físico, mas também um lembrete constante das fragilidades estruturais do vilarejo e da ausência de políticas públicas efetivas que possam mitigar esses problemas. Além desses desafios, Seu Gerardo observa uma mudança significativa no cenário local nos últimos anos: a migração venezuelana. Com a intensificação da crise política e econômica na Venezuela, milhares de pessoas atravessaram a fronteira em busca de melhores condições de vida em Roraima, especialmente em Boa Vista. A Vila Vintém não ficou de fora dessa dinâmica migratória. Atualmente, mais de 100 famílias venezuelanas vivem na vila, trazendo novos elementos culturais, sociais e econômicos ao local. Seu Gerardo comenta sobre as inúmeras crianças que habitam a comunidade, assim como a presença de bares e a difusão de músicas latinas em todos os cantos, além de conflitos que antes não ocorriam com tanta frequência.

A chegada dos venezuelanos trouxe uma nova dinâmica à Vila Vintém, transformando a vila em um espaço de constante movimento, com pessoas entrando e saindo regularmente. Seu Gerardo observa as consequências culturais e sociais dessa migração, mas também manifesta sua preocupação ao relacionar essas mudanças ao crescimento da criminalidade, dos roubos e ao aumento do tráfico de drogas na área. De acordo com ele, essa realidade evidencia a carência de políticas públicas adequadas que possam atender tanto os residentes antigos quanto os novos imigrantes, intensificando os desafios que a comunidade já enfrenta. Apesar das dificuldades de integração, ele reconhece que, assim como ele e outros nordestinos migraram para Roraima décadas atrás, os venezuelanos buscam as mesmas coisas: segurança, trabalho e a chance de recomeçar. No entanto, a chegada desse novo grupo também coloca em evidência a precariedade das condições da vila, que já enfrentava dificuldades para atender às necessidades de sua população original.

Durante nossas conversas, Seu Gerardo também compartilhou a saudade dos filhos que permaneceram no Piauí, sua terra natal, que deixou há décadas em busca de novas oportunidades. Entre as lembranças, ele também contou histórias de lendas urbanas que ouvia na juventude. Ao relembrar essas histórias, sua expressão se iluminava, e ele ria com entusiasmo ao descrever os detalhes que ainda guardava na memória. O oleiro dedicou décadas de seus dias ao ofício, um trabalho que

exige força física e habilidade, mas que também é uma expressão de resiliência e identidade cultural da vila. Na olaria, ele moldava o barro em peças que carregam a tradição e a história da comunidade e por muito tempo manteve viva uma prática artesanal que está cada vez mais rara.

Apesar das adversidades, ele encontrou no ato de moldar o barro um sentido maior para sua existência. Cada peça era mais que um objeto: era uma forma de resistir ao tempo, de encontrar beleza na simplicidade e de preservar um legado que conecta o passado ao presente da Vila Vintém. Seu Gerardo não é apenas um oleiro “aposentado”; é uma memória viva do lugar, um símbolo de persistência em meio às dificuldades da vida. As suas memórias revelam de forma clara o impacto do trabalho artesanal que vai além da simples construção física da vila. Esse trabalho molda também as narrativas e as existências dos habitantes que ali residem. Contudo, para além de seu Gerardo, há outras memórias que evocam, de maneira similar, tanto o labor físico quanto a transformação cultural e social do vilarejo.

Este é o caso de Dona Graça (assim conhecida na vila), para quem *ao longo dos anos, meu marido e eu, dedicados ao ofício do barro, moldamos o material com nossas próprias mãos. O conhecimento adquirido, fruto de nossa experiência, foi passado aos nossos filhos, é uma tradição de família.* Como muitos outros migrantes nordestinos, ela deixou sua terra natal, o Maranhão, em busca de novas oportunidades e de uma vida mais digna. Sem seus documentos de nascimento, Dona Graça não sabe precisar a sua idade. Após passar por várias experiências no estado, incluindo o trabalho no garimpo, ela decidiu se estabelecer em uma ocupação espontânea, plantando suas raízes em Roraima. Dona Graça lembra que a área onde se fundou a Olaria, junto à Vila Vintém e posteriormente à Vila Real, foi concedida aos trabalhadores pelo governador Ottomar de Souza Pinto há várias décadas, iniciando assim a atividade de extração de argila e estabelecendo a presença dos oleiros na área. Inicialmente, o trabalho era desafiador, com poucas condições e recursos, mas ela sempre acreditou na importância de perseverar. De acordo com suas palavras, foi nesse lugar que formou sua família, iniciando com seu matrimônio e, em seguida, com o nascimento de seus filhos, tudo inserido na incessante busca por estabilidade. Sua habitação fica, segundo ela conta acompanhada pelo filho caçula, num canal de forte correnteza de água. Era um local onde “ninguém queria construir casa”. Para que os fundamentos da casa ficassem estáveis, o marido, hoje falecido, enterrou várias camadas de concreto. Em período de cheias, a casa fica coberta até o telhado e, quando as águas voltam a baixar, vira uma pequena venda onde se encontram bebidas e alimentos.

Ao longo de todos esses anos desde sua chegada a Roraima, a vida de Dona Graça foi marcada por um trabalho árduo e persistente, onde o esforço diário foi fundamental para garantir o sustento da

família. A produção de tijolos de dois furos, um dos principais meios de sobrevivência dela e de sua família, tornou-se um símbolo da sua luta. Além disso, ela sempre procurou transmitir aos filhos e netos o valor do trabalho honesto e o significado de construir algo sólido, seja em termos materiais, seja no aspecto emocional e familiar. Ao compartilhar suas memórias mais distantes, Dona Graça expressou o profundo apego que sente pelo lugar onde habita. Para ela, a terra e o trabalho são inseparáveis, e foi nesse ambiente que construiu sua família, sua casa, amigos e uma sólida rede de apoio, que tem sido fundamental para sua trajetória. Ela sente que, ao longo das décadas, contribuiu para a formação da vila, ajudando a criar uma base de convivência e solidariedade.

O trabalho de extração de argila e produção de tijolos de dois furos, mais do que uma forma de sustento, simboliza para Dona Graça a construção de sua própria história e o legado que deixa para as gerações futuras. Durante a conversa, ela expressou com alegria que passou todo seu conhecimento sobre a produção manual de tijolos ao seu filho. Ela também mencionou que, embora alguns de seus filhos já tenham se formado, se casado e construído carreiras em Boa Vista, optou por continuar vivendo sozinha na Vila Vintém. No entanto, não se sente desamparada, pois seus filhos estão sempre por perto. Para ela, o vínculo com o local supera todos os desafios que existem na vila, como o fluxo significativo de imigrantes venezuelanos e o aumento da violência no período noturno. Dona Graça expressa sua preferência por ficar na vila, pois sente orgulho por sua trajetória e pela história que ajudou a construir ali. Além disso, aprecia os aspectos simples da vida na vila, tais como o clima agradável e a relativa tranquilidade, que lhe conferem uma sensação de ligação com a natureza e um modo de vida mais calmo: a Vila Vintém transcende a mera localização geográfica, é um símbolo da busca por uma vida mais livre e distante das pressões urbanas. Apesar das mudanças ao longo do tempo, Dona Graça tem plena convicção de que a vila ainda mantém um forte espírito de solidariedade e cooperação, algo que ela valoriza profundamente.

Mais adiante da sua residência, o último brasileiro na direção do Rio Branco, mora “Seu Fininho”, um senhor de 62 anos que construiu uma casinha em dois andares para escapar às cheias do rio. Um maranhense bastante esquivo à conversa, desconfiado da nossa intenção e apreensivo com a presença da câmera fotográfica, Fininho contou uma história semelhante à de Gerardo: o garimpo o atraiu para Roraima e a perda dos recursos no garimpo o levou para a fabricação de tijolos. Hoje, lamenta, não há mais nenhum oleiro ativo na Vila Vintém e sobraram apenas uns poucos brasileiros que alimentam o seu apego pela terra.

Fininho tem outras cinco casas de alvenaria na vila, que aluga para venezuelanos, fruto do que conseguiu economizar com a produção de tijolos na olaria. Ouvindo rádio em volume alto, ele olha

para o horizonte distante e diz que “a religião me salvou” depois de ter abandonado o cigarro e o álcool. Hoje, transformado, ele frequenta a Igreja Universal que, através de uma van, busca os moradores na vila toda semana para os cultos. A única igreja que ainda persiste na vila é uma pequena denominação evangélica utilizada por venezuelanos. Tanto para Fininho quanto para Graça e Gerardo, sair da vila para visitar amigos ou fazer compras é “ir para a rua”, uma expressão que não tem relação com protestos ou manifestações públicas, mas sim com o simples ato de sair de casa em direção ao centro urbano mais próximo.

A partir das narrativas das pessoas que construíram e habitam a Vila Vintém há mais de três décadas foi possível compreender que a vila e o legado do trabalho artesanal estão profundamente entrelaçados. O trabalho manual não apenas moldou o espaço físico, mas também as relações sociais e culturais que definiram a identidade do lugar. O ofício artesanal, transmitido ao longo de gerações, desempenhou um papel essencial na construção da memória coletiva e na formação de uma história compartilhada, refletindo as experiências e os desafios enfrentados pelos moradores ao longo de todos esses anos. Nesse sentido, o término da fabricação do tijolo de dois furos é também o término simbólico de uma geração: a de migrantes nordestinos que, em busca de melhores condições de trabalho, passaram pelos garimpos de Roraima e, mais tarde, sem o ouro que imaginaram conseguir, terminaram no barro por meio do qual as casas da cidade foram se erguendo. Ouvindo as histórias de Dona Graça, Seu Gerardo e Fininho, apreciamos um testemunho significativo da história de Roraima, a história de suas moradias.

A maior parte desses moradores é formada, hoje, por venezuelanos que demonstram certa resistência ao contato, marcado pelos inúmeros choques vividos com o poder público. Nessa dinâmica, nossa presença era frequentemente percebida com estranhamento em virtude da tentativa de captar imagens do local, mesmo após tentativas de esclarecer os objetivos documentais das fotografias. Esses desafios foram intensificados pelos entraves naturais da língua espanhola, carregada de um forte sotaque típico dos imigrantes. As visitas preliminares foram destinadas a criar laços interpessoais e entender a realidade cultural e social da comunidade. Essa etapa inicial reflete a "aventura cultural" discutida por Kossoy (2016), na qual o fotógrafo se aproxima do ambiente que pretende retratar, imergindo em suas particularidades e complexidades.

Nas visitas subsequentes, o percurso físico pelas ruas e trilhas da vila, inclusive utilizando recursos digitais como o Google Maps, permitiu mapear o ambiente e reconhecer os elementos relevantes da paisagem e da vivência local. Esse mapeamento não apenas revelou a geografia da vila, mas também as dinâmicas sociais que a segmentam em áreas distintas, cada uma delas com suas

características e histórias particulares. Essa observação detida e investigativa corresponde à "aventura estética e técnica" do processo criativo descrito por Kossoy (2016). Nesse trajeto, constatamos que a habitação espontânea deu origem a vias inesperadas que conectam a vila às áreas de extração de argila, ao longo das quais surgiram pequenas moradas e olarias improvisadas. Essa configuração espacial revelou duas "zonas" distintas: uma mais afastada, cuja dinâmica gira exclusivamente em torno da produção de tijolos de dois furos (Imagem 6), e outra mais próxima do asfalto, onde se concentra a maior parte dos moradores, em sua maioria venezuelanos. Foi nessa última zona que se focou grande parte da nossa exploração, com o objetivo de registrar as habitações e a vida cotidiana desses moradores.

Imagem 06: Secagem de tijolos na Olaria. Cantá, Roraima



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1600 x 1204. JPG.

Nessas visitas, estabelecemos contato com Seu Antonio, oleiro aposentado que hoje se dedica a vender frutas nas margens da rodovia BR-401, e Seu Gerardo, proprietário de uma das primeiras casas na entrada principal da vila. Ambos se mostraram extremamente receptivos e compartilharam informações valiosas, contribuindo significativamente para a compreensão da dinâmica social e histórica do local. Esse ambiente favorável proporcionou o avanço das visitas, permitindo uma maior imersão na vila até pontos como o bar da Dona Graça e a casa do Seu Fininho, onde foram obtidas informações sobre a memória da comunidade.

Contudo, ao mencionar a intenção de realizar registros fotográficos, surgiu uma tensão perceptível entre os informantes. Essa tensão reflete a complexidade do contexto da desocupação da vila que é alvo de uma ação em tramitação no Supremo Tribunal Federal (STF) solicitando a

desocupação da área por se tratar de uma zona de preservação ambiental. Esse cenário jurídico e ambiental intensifica as percepções negativas dos moradores sobre qualquer tentativa de registro, interpretada como parte de um processo que ameaça diretamente suas condições de permanência e subsistência no local. Dona Graça, diferentemente de Seu Gerardo, posicionou-se de maneira firme contra a realização das fotografias, mesmo após a explicação de que o propósito era apenas registrar a memória do lugar. Esse episódio evidenciou os desafios de equilibrar a necessidade de documentar a realidade local com o respeito às sensibilidades e desconfiança justificada dos moradores.

Conforme observa Kossoy (2016), a relação com o outro não é isenta de interferências as mais variadas: o ato fotográfico implica uma negociação constante entre o fotógrafo e os sujeitos fotografados. Isso ficou evidente na resistência dos moradores. Nossa atenção fotográfica se direcionou para as relações conflituosas entre os indivíduos e a natureza em sua busca diária pela sobrevivência. Pelas implicações éticas inerentes à fotografia de indivíduos marginalizados, suas residências assumiram a condição de protagonistas. Elas tratam das formas como os indivíduos reagem às dificuldades naturais e moldam a sua identidade. As imagens 7 e 8 mostram como são as casas palafíticas erguidas sobre frágeis sustentáculos de madeira. Hoje, essas moradas pertencem em sua maioria a migrantes venezuelanos.

Imagem 07: Casas de Palafitas. Vila Vintém, Cantá, Roraima



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

Imagem 08: Casas de Palafitas. Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

Tornaram-se perceptíveis, também, os sinais da desocupação, com casas rapidamente desmanchadas e outras tantas anunciadas à venda através de tinta de spray (Imagem 9). As casas são simples, com paredes de tijolo (nesse caso, de 6 furos, o que já indicia o abandono da técnica de 2 furos) e coberturas feitas de material improvisado (madeira e telhas metálicas). Os postes e fios elétricos indicam estruturas improvisadas utilizadas na vila sem supervisão pública (a energia é consumida de forma gratuita). O relevo é plano e as ruas todas de areia.

Imagem 09: Venda e Desocupação de Casas. Vila Vintém. Cantá, Roraima.



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

Na imagem 10, estão alguns elementos que indicam as condições desse assentamento periférico. As construções são simples, feitas com materiais variados, como alvenaria, madeira e lonas plásticas. A casa à esquerda apresenta janelas protegidas por grades e uma estrutura improvisada na parte superior, indicando reformas adaptativas típicas de comunidades em processo de consolidação. A rua, apesar de simples, está bem-organizada dentro das possibilidades locais. A ausência de carros mostra um espaço no qual o deslocamento é feito predominantemente através de bicicleta ou a pé. Durante os períodos de cheia, a água sobe até o alto da porta.

Imagem 10: Residências. Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

Durante a realização destas imagens, a seleção dos assuntos, enquadramentos e momentos reflete um trabalho voltado para transformar o efêmero em um documento. Nesse sentido, as fotografias da Vila Vintém transcendem uma simples sequência tornando-se um testemunho visual que traduz, interpreta e eterniza a experiência vivida tanto pelo fotógrafo quanto pelos moradores. O elemento mais permanente e ao mesmo tempo amazônico desta vida é a íntima conexão com os rios. Toda a vida comunitária gira em torno do rio e não pode ser entendida sem a compreensão das cheias. Na imagem 11, pode-se ver o efeito do alagamento numa das vielas que passam a ser transitadas apenas

em embarcações improvisadas. Nesse período, que dura em torno de 4 meses, a maior parte da população local migra para outros espaços da cidade, inclusive instalações públicas destinadas às populações ribeirinhas.

Imagem 11: Período de Alagamento. Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

Muito embora o nosso foco tenham sido sobretudo as estruturas externas das residências, com o fim de demonstrar as estratégias de adaptação dos indivíduos às condições naturais, pudemos entrar nalgumas delas e constatar o estado de precariedade que governa a vida na Vila. Na imagem 11, pode-se ver o interior de uma residência abandonada pelo morador brasileiro e que foi “aproveitada” pelo migrante venezuelano. O teto é improvisado, com estrutura de madeira e revestimento com plástico e papel alumínio, indicando uma tentativa de isolamento térmico e proteção contra chuva. As paredes possuem aberturas improvisadas, cobertas com tábuas e materiais reaproveitados, enquanto a janela foi fechada com chapas de plástico e madeira, uma tentativa de bloquear vento, poeira ou até proteger a privacidade dos moradores.

Imagem 11: Residências. Vila Vintém, Cantá, Roraima.



Fonte: Apolinário, Francielen. Fotografia. 2024. 1280 x 960. JPG.

A circulação pela vila com uma câmera fotográfica chamou bastante a atenção dos moradores. Enquanto as crianças corriam em direção às lentes, entusiasmadas pela possibilidade de serem fotografadas, seus pais, em especial os venezuelanos, reagiam com desconfiança à presença de intrusos. Numa destas ocasiões, um dos moradores nos interpelou diretamente e “proibiu” de continuar a captura de imagens, manifestando desconfiança sobre os objetivos das fotografias. Essa tensão entre o desejo de documentar e a recepção por parte dos moradores reforça a ideia de Kossoy de que a fotografia é um processo dialético, em que a criação de imagens é mediada por fatores externos como a história e as condições sociopolíticas. A desconfiança dos moradores está intrinsecamente ligada ao contexto de vulnerabilidade da vila, marcada pelo processo de desocupação. Essa permanece em aberto, gerando, nesse ínterim, um clima de desalento e renúncia coletiva. Afinal de contas, é-se impossível saber o próximo destino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo argumentou que uma pequena comunidade amazônica, a Vila Vintém, não é apenas um lugar deteriorado à margem da rua e da história: ela representa um microcosmo das transformações sociais, econômicas e culturais que marcaram a Amazônia ao longo das últimas

décadas. Quer dizer, um espaço aparentemente transitório e marginalizado se tornou um lugar de identidade e pertencimento, nele diferentes fluxos migratórios e processos de ocupação redefiniram a relação entre os habitantes e o território. A trajetória da vila, desde sua consolidação como polo de produção cerâmica até os recentes desafios impostos pela industrialização e pela judicialização da terra, demonstra a complexidade das dinâmicas que permeiam as comunidades ribeirinhas amazônicas. O trabalho artesanal dos oleiros, que por décadas sustentou a economia local, hoje se vê ameaçado pela substituição por técnicas industriais, pela especulação imobiliária, pela legislação de proteção ambiental e pela intensificação das cheias sazonais do Rio Branco.

Além disso, a chegada de migrantes venezuelanos trouxe novos desafios e tensões sociais para a comunidade, revelando alguns dos paradigmas de sociedades globalizadas com a formação de grandes periferias de desvalidos e apátridas. A pesquisa revelou que, enquanto alguns moradores tentam preservar suas tradições e resistir à desocupação iminente, os recém-chegados buscam maneiras de se inserir na estrutura local num processo emergencial de sobrevivência. Nesse caso, falta-lhes por completo o elemento “opção”. Não têm para onde ir e, assim, ficam onde podem. A análise fotográfica e as entrevistas demonstraram que, apesar dos desafios, a Vila Vintém continua um elemento permanente nas memórias e práticas de seus habitantes por meio do seu longo processo de produção de tijolos de dois furos. Muito embora esteja completamente esquecida pela cidade que ajudou a construir.

Pode-se, por fim, dizer que a Vila Vintém ilustra um dilema recorrente na Amazônia contemporânea: a tensão entre a permanência e o deslocamento, entre o pertencimento e a desapropriação. Se, por um lado, sua história se confunde com a de tantas outras localidades tornadas invisíveis ou mesmo inconvenientes ao progresso, por outro, sua resistência reafirma a importância de considerar os espaços ribeirinhos não apenas como territórios de passagem, mas como espaços de vida, memória e identidade amazônica.

REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papyrus, 1994.
- CUNHA, Euclides da. **À Margem da História**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na Trama Fotográfica**. 5. ed. São Paulo: Atêlie Editorial, 2016.
- MUNARO, Luís Francisco. **Rios de Palavras**. A imprensa nas periferias da Amazônia. Porto Alegre:

Editora Fi, 2017.

MUNARO, Luís Francisco. **Terra das letras mortas**. Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

STAEVIE, Pedro Marcelo. **O Papel das Redes Sociais na Migração Contemporânea de Gaúchos em Roraima**. Tese (Doutorado em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

WAGLEY, Charles. **Uma Comunidade Amazônica: Estudo do Homem nos Trópicos**. São Paulo: Editora Nacional, 1957.

MORADORES e trabalhadores da Olaria recorrem à Defensoria Pública após receberem multas ambientais. **Roraima em Foco**, 27 mar. 2024. Disponível em: <https://roraimaemfoco.com/moradores-e-trabalhadores-da-olaria-recorrem-a-defensoria-publica-apos-receberem-multas-ambientais/>. Acesso em: 23 de ago. 2024.

Data de submissão: 06/02/2025

Data de aprovação: 08/04/2025